

O MOMENTO MAIS FELIZ DA MINHA VIDA

Foi o momento mais feliz da minha vida, embora então eu não tivesse consciência disso. Se o tivesse sabido, se tivesse apreciado essa dádiva, teriam as coisas terminado de outra forma? Sim, se eu tivesse reconhecido esse instante de felicidade perfeita, tê-lo-ia conservado sem nunca o deixar escapar. Talvez tenham sido necessários alguns segundos para aquele sentimento luminoso me envolver, banhando-me na mais profunda paz, mas pareceu durar horas — anos, até. Naquele momento, na tarde de 26 de Maio de 1975, uma segunda-feira, cerca de quinze minutos para as três, no instante em que nos sentíamos para lá do pecado e da culpa, também o mundo parecia ter perdido as leis do tempo e da gravidade. Beijando o ombro de Füsün, já húmido do calor do acto amoroso, penetrei-a suavemente por trás, e, ao morder-lhe a orelha ao de leve, talvez o seu brinco se tenha soltado e, sem disso nos apercebermos, poderá ter ficado a flutuar no ar antes de cair esquecido num lado qualquer. O nosso êxtase era tão profundo que continuámos a beijar-nos, alheios à queda do brinco, em cujo desenho eu nem sequer reparara.

Lá fora, o sol apresentava aquele brilho difuso que se vê apenas durante a Primavera em Istambul. Nas ruas, ainda vestidas com as suas roupas de Inverno, as pessoas transpiravam, mas no interior das lojas e dos edifícios, e sob as tílias e os castanheiros, o ar continuava fresco. Sentíamos a mesma frescura desprender-se do colchão húmido sobre o qual fazíamos amor da mesma forma que as crianças brincam — cheios de felicidade e esquecendo tudo o resto. Uma brisa entrou pela janela da varanda, cheirando a mar e a folhas

de tília; as cortinas de tule ergueram-se no ar, formando uma onda que de seguida se desfez em câmara lenta, refrescando os nossos corpos despídos. Da cama no quarto dos fundos do apartamento do segundo andar vimos um grupo de rapazes jogar futebol no jardim lá em baixo, suando intensamente sob o calor de Maio. Quando nos apercebemos que estávamos a recriar com os nossos corpos, palavra por palavra, todas as indecências que eles iam exclamando, parámos um instante para nos olharmos nos olhos e sorrir. Mas o nosso deleite era tanto que esquecemos aquela piada, que a vida nos enviara do jardim dos fundos, tão depressa como tínhamos esquecido o brinco.

Quando nos encontrámos no dia seguinte, Füsün disse-me que tinha perdido um dos brincos. Na verdade, pouco depois de ela ter saído do apartamento na tarde anterior, eu vira-o no meio dos lençóis azuis, com um pendente onde se lia a inicial do nome dela, e estivera prestes a deixá-lo ali para ela quando, cedendo a uma estranha compulsão, o guardara no bolso.

— Tenho-o aqui, querida — disse-lhe, enfiando a mão no bolso direito do meu casaco, pendurado nas costas de uma cadeira. — Oh, desapareceu! — Por um instante aquilo pareceu-me um mau presságio, um vislumbre de um destino funesto, mas depois recordei que vestira outro casaco naquela manhã, devido ao subir da temperatura. — Deve estar no bolso do meu outro casaco.

— Por favor trá-lo amanhã. Não te esqueças — pediu Füsün, abrindo muito os olhos. — Tem um significado especial para mim.

— Está bem.

Füsün tinha dezoito anos e era minha familiar afastada. Antes de a encontrar, um mês antes, não me lembrava sequer da sua existência. Tinha trinta anos e estava prestes a ficar noivo de Sibel, e todos diziam que éramos feitos um para o outro.

A BOUTIQUE ŞANZELIZE

A série de acontecimentos e coincidências que acabariam por mudar toda a minha vida começaram um mês antes, a 27 de Abril de 1975, quando Sibel viu por acaso uma mala de mão desenhada pela célebre Jenny Colon na montra duma loja, quando descíamos a Avenida Valikonağı, gozando aquela noite fresca de Primavera. O anúncio formal do noivado seria em breve; estávamos alegres e ligeiramente embriagados. Tínhamos estado no Fuaye, um restaurante requintado que abrira recentemente em Nişantaşı; durante o jantar com os meus pais, tínhamos discutido ao pormenor os preparativos para a festa de noivado, marcada para meados de Junho para que Nurcihan, uma amiga de Sibel desde os seus tempos de estudante no Liceu Notre Dame de Sion, e também durante os anos que ela passara em Paris, pudesse vir de França para estar presente. Sibel encomendara há bastante tempo o seu vestido de noivado a İsmet a Sedosa — que, nesses tempos, era a mais cara e procurada modista de Istambul — e, nessa noite, ela e a minha mãe discutiram como poderiam as pérolas que a minha mãe lhe oferecera ser cosidas ao vestido. Era vontade expressa do meu futuro sogro que a festa de noivado da sua filha única fosse tão extravagante como um casamento e, para a minha mãe, ajudar a cumprir tal desejo o melhor que pudesse não constituía de forma alguma um sacrifício. Quanto ao meu pai, estava encantado com a perspectiva de ter uma nora que «estudara na Sorbonne», como costumavam dizer nesses tempos os burgueses de Istambul a respeito de qualquer rapariga que tivesse ido estudar fosse o que fosse em Paris.

Naquela noite, quando acompanhava Sibel a casa, com um braço envolvendo ternamente os seus ombros firmes, pensando para mim mesmo, cheio de orgulho, o quanto era feliz e afortunado, ela disse:

— Oh, que mala de mão tão bonita!

Embora tivesse a mente algo turvada pelo vinho, registei mentalmente a mala de mão e o nome da loja, e regressei lá no dia se-

guinte, ao meio-dia. Na verdade, nunca fora um desses *playboys* sofisticados e cavalheirescos, sempre à procura de qualquer desculpa para comprar presentes a uma mulher ou mandar-lhe flores, embora talvez desejasse ser um deles. Nesses dias, as donas de casa ocidentalizadas e entediadas que moravam em bairros ricos como Şişli, Nişantaşı e Bebek não abriam «galerias de arte» mas sim *boutiques*, que enchiam de bijutarias e conjuntos contrabandeados em malas de viagem vindas de Paris e Milão, ou de cópias dos vestidos «mais modernos» que apareciam nas páginas de revistas importadas como a *Elle* e a *Vogue*, vendendo tais artigos a preços ridiculamente inflacionados a outras donas de casa endinheiradas e tão entediadas como elas. Tal como me recordaria muitos anos mais tarde depois de eu a localizar, Şenay Hanım, então proprietária da Boutique Şanzelize (nome que era uma transliteração do da lendária avenida parisiense), era, tal como Füsün, uma familiar muito afastada pelo lado materno. O facto de me ter dado a tabuleta da loja que antes estivera pendurado na porta, bem como qualquer outro objecto associado a Füsün, sem questionar uma vez que fosse o meu interesse exagerado no estabelecimento há tanto tempo encerrado, fez-me compreender que alguns dos pormenores mais insólitos da nossa história eram por si conhecidos, e que tinham sido bastante mais divulgados do que eu supunha.

Quando entrei na Şanzelize no dia seguinte, por volta do meio-dia e meia, o pequeno sino de bronze tocou duas notas que ainda hoje me sobressaltam. Estava um dia quente de Primavera e o interior da loja estava escuro e fresco. A princípio, enquanto os meus olhos se ajustavam à penumbra depois de expostos ao sol do meio-dia, julguei que não estava ali ninguém. Mas depois fiquei com o coração na garganta, batendo com a força de uma vaga imensa prestes a embater nas rochas.

— Desejava comprar a mala de mão que está no manequim da montra — consegui dizer, cambaleando ante a sua visão.

— Refere-se à mala *Jenny Colon* de cor creme?

Quando os nossos olhares se encontraram, reconheci-a imediatamente.

— A mala de mão no manequim da montra — repeti, em devaneio.

— Oh, certo — disse ela, dirigindo-se para a montra. Descalçando rapidamente um dos sapatos de salto amarelos, apoiou o pé descalço, de unhas cuidadosamente pintadas de vermelho, no chão da montra e estendeu um braço para o manequim. Os meus olhos desviaram-se do sapato descalço e subiram-lhe pelas longas pernas despidas. Não estávamos sequer em Maio mas ela já estava bronzeada.

A longura das suas pernas fazia a saia amarela de folhos parecer mais curta ainda. Segurando a mala, regressou ao balcão e, com os dedos longos e hábeis, retirou do interior da mesma as bolas de papel de seda de cor creme amarrotado, mostrando-me um bolso interior com fecho, os dois bolsos mais pequenos (ambos vazios) e ainda um compartimento secreto, de onde tirou um cartão onde se lia JENNY COLON. A sua atitude era tão séria quanto misteriosa, como se estivesse a mostrar-me algo muito pessoal.

— Olá, Füsün. Como crescestes! Provavelmente não te lembras de mim.

— De maneira nenhuma, primo Kemal, reconheci-o logo, mas, quando vi que não me tinha reconhecido, achei que seria melhor não o importunar.

Fez-se silêncio. Tornei a olhar para um dos bolsos no interior da mala, que ela acabava de me mostrar. A sua beleza, a sua saia (que, de facto, era demasiado curta) ou outra coisa qualquer perturbará-me, e não conseguia agir com naturalidade.

— Bom... o que fazes tu por estes dias?

— Estou a estudar para os exames de admissão à universidade. E venho trabalhar todos os dias. Aqui na loja tenho conhecido muitas pessoas.

— Que bom. Diz-me, quanto custa a mala?

Franzindo o sobrolho, ela leu a etiqueta escrita à mão no fundo.

— Mil e quinhentas liras. — (Na altura, este valor representava seis meses de ordenado para um jovem funcionário público.)
— Mas decerto a Şenay Hanım iria querer fazer-lhe um preço especial. Ela foi a casa almoçar, e deve estar agora a dormir a sesta, por isso não lhe posso telefonar. Mas, se puder passar por cá ao fim da tarde...

— Não é importante — disse eu, tirando para fora a carteira (um gesto algo tosco que, mais tarde, no nosso lugar de encontro secreto, Füsun viria a imitar com frequência) e contando as notas húmidas. Obviamente inexperiente, Füsun embrulhou a mala com cuidado e colocou-a num saco de plástico. Durante aquele silêncio apercebeu-se de que eu admirava os seus braços cor de mel e os seus gestos rápidos e elegantes. Quando me entregou educadamente o saco, agradeci-lhe.

— Por favor dá os meus cumprimentos à tia Nesibe e ao teu pai — disse eu (não conseguindo recordar-me a tempo do nome de Tarik Bey). Fiquei parado um instante: o meu espírito abandonara o meu corpo, e agora, nalgum canto do céu, abraçava Füsun e beijava-a. Dirigi-me apressadamente para a porta. Que devaneio absurdo, sobretudo tendo em conta que ela não era assim tão bonita. O sino tocou e escutei o trinar de um canário. Saí para a rua, aliviado ao sentir o calor. Estava satisfeito com a minha compra; amava muito Sibel. Decidi esquecer a loja e Füsun.

3

FAMILIARES AFASTADOS

No entanto, durante o jantar nessa noite comentei com a minha mãe que encontrara a nossa familiar afastada Füsun quando fora comprar uma mala de mão para Sibel.

— Oh sim, a filha da Nesibe está a trabalhar na loja da Şenay — disse a minha mãe. — Que pena! Nem sequer já nos visitam na época das festas. Aquele concurso de beleza colocou-as numa posição bastante complicada. Todos os dias passo à porta da loja, mas não consigo sequer entrar e cumprimentar a pobre da moça. Para dizer a verdade, nem me passa pela cabeça tal coisa. Mas, sabes, quando ela era pequena eu gostava muito dela. Quando a Nesibe vinha para aqui costurar, por vezes trazia-a. Eu tirava os teus brin-

quedos do armário e ela brincava em silêncio enquanto a mãe costurava. A mãe da Nesibe, a tia Mihriver, que Deus a tenha, era uma pessoa maravilhosa.

— Qual é exactamente o nosso grau de parentesco?

Uma vez que o meu pai estava a ver televisão, sem ligar à nossa conversa, a minha mãe lançou-se numa narração elaborada a respeito do seu pai, que nascera no mesmo ano que Atatürk, e que mais tarde frequentara, tal como o fundador da República, a Escola Şemsi Efendi, como eu podia ver por uma fotografia tirada na escola que ela encontrara muitos anos depois. Ao que parece, muito antes de ele (Ethem Kemal, o meu avô) casar com a minha avó, tinha tido um primeiro e irreflectido casamento aos vinte e três anos. A bisavó de Füsün, que era de ascendência bósnia, morrera durante as Guerras dos Balcãs, durante a evacuação de Edirne. Embora a desafortunada mulher não tenha dado filhos a Ethem Kemal, tinha já uma filha chamada Mihriver, cujo pai era um xequê pobre, com quem ela se casara «ainda criança». Assim, a tia Mihriver (a avó de Füsün, que fora educada por um grupo de pessoas bastante diversificado) e a sua filha, a tia Nesibe (a mãe de Füsün), não eram propriamente nossas familiares, mas antes parentes por afinidade e, embora a minha mãe enfatizasse isso mesmo há anos, instruía-nos à mesma para tratar por «tias» as mulheres daquele ramo afastado da família. Durante as suas visitas nas quadras festivas mais recentes, a minha mãe tinha acolhido estas familiares empobrecidas (que vivam nas ruas secundárias de Teşvikiye) de uma forma invulgarmente fria e que gerara ressentimentos, porque dois anos antes a tia Nesibe, sem dizer palavra, tinha permitido que a sua filha de dezasseis anos, então uma estudante no Liceu Feminino de Nişantaşı, participasse num concurso de beleza; ao saber posteriormente que, na verdade, a tia Nesibe tinha encorajado a filha a fazer aquilo, chegando mesmo a sentir-se orgulhosa de tal iniciativa, que a deveria ter feito sentir apenas vergonha, a minha mãe tornara-se hostil para com a tia Nesibe, quando antes a amava e protegia.

Por seu turno, a tia Nesibe sempre estimara a minha mãe, que era vinte anos mais velha, e que sempre a apoiara quando ela era

uma mulher jovem e andava de casa em casa, pelos bairros mais prósperos de Istambul, à procura de trabalho como costureira.

— Elas eram terrivelmente pobres — contou a minha mãe. — Mas não eram de maneira nenhuma as únicas, filho — acrescentou depois, para que aquilo não soasse a exagero. — Nesses tempos, toda a Turquia era pobre. — Na altura, a minha mãe tinha recomendado a tia Nesibe a todas as amigas, dizendo que ela era «muito boa pessoa e uma ótima costureira», e, uma vez (às vezes duas) por ano, chamava-a também a nossa casa para costurar um vestido para uma festa ou casamento.

Por ser quase sempre no horário escolar, eu não a vira durante essas visitas de costura. Mas em 1957, no final de Agosto, precisando com urgência de um vestido para um casamento, a minha mãe chamara Nesibe à nossa casa de Verão em Suadiye. As duas tinham-se retirado para o quarto dos fundos no segundo andar, com vista para o mar, instalando-se junto à janela, de onde, espreitando por entre as frondes das palmeiras, conseguiam ver os barcos a remos e as lanchas, e os rapazes que mergulhavam do molhe. Nesibe abrira a caixa de costura, cuja tampa apresentava uma paisagem de Istambul, e as duas ali tinham ficado, rodeadas por tesouras, alfinetes, uma fita métrica, dedais e amostras de rendas e tecidos, queixando-se do calor, dos mosquitos e do desgaste que era costurar sob uma tal pressão, gracejando como irmãs e ficando a pé por metade da noite, costurando sem parar na máquina *Singer* da minha mãe. Lembro-me que Bekri, o cozinheiro, levou muitos copos de limonada ao quarto (de atmosfera quente e abafada, cheia do pó que se desprendia dos veludos), porque Nesibe, grávida aos vinte anos, era muito atreita a desejos; quando nos sentávamos todos para almoçar, a minha mãe dizia ao cozinheiro, meio na brincadeira, que «se deviam satisfazer todos os desejos de uma mulher grávida, senão a criança sairia feia», e, tendo esta ideia em mente, lembro-me de fitar a barriga proeminente de Nesibe com certo interesse. Deve ter sido essa a primeira vez que me apercebi da existência de Füsün, embora ainda não se soubesse se o bebé seria menino ou menina.

— A Nesibe nem tão-pouco informou o marido. Limitou-se a mentir sobre a idade da filha e a inscrevê-la naquele concurso de

beleza — contou a minha mãe, bufando de irritação ao lembrar-se. — Graças a Deus ela não ganhou, e assim foram poupadas a um vexame público. Se tivessem sabido na escola, tê-la-iam expulso... Por esta altura ela já deve ter terminado o liceu. Não creio que vá continuar a estudar, mas não estou ao corrente dos seus planos, visto que já não vêm visitar-nos por altura das festas... Poderá haver alguém neste país que não saiba que tipo de rapariga, que tipo de mulher, se inscreve num concurso de beleza? Como se comportou ela contigo?

Aquela foi a forma de a minha mãe sugerir que Füsün começara a deitar-se com homens. Eu ouvira o mesmo da boca dos meus amigos *playboys* de Nişantaşı, quando Füsün aparecera numa fotografia com as outras finalistas, no jornal *Milliyet*, mas, achando tudo aquilo embaraçoso, tentei não mostrar interesse. Depois de ficarmos os dois em silêncio, a minha mãe apontou-me sinistramente o dedo e disse:

— Tem cuidado! Estás prestes a ficar noivo de alguém muito especial, uma rapariga adorável e encantadora! Porque não me mostras a mala de mão que lhe compraste? Mümtaz! — (Era esse o nome do meu pai.) — Olha... O Kemal comprou uma mala de mão para a Sibel!

— Ah foi? — disse o meu pai com um contentamento que sugeria que ele vira e aprovara a mala de mão enquanto símbolo da felicidade do seu filho e da noiva, mas sem desviar os olhos do ecrã.